

Conclusão

De certo modo, hoje encontramos o projeto do ‘fim da arte’ de Mondrian realizado às avessas. Em sua visão, a arte estaria em toda a parte, e seria assim pulverizada, não havendo mais diferença entre arte e vida. De fato, constatamos agora que arte, mesmo, existe muito pouco. Talvez seja justamente o contrário do projeto de Mondrian o que vemos ao redor. A maior parte dessa nova arte que se deixa ‘contaminar’ pela vida é infinitamente mais fraca, nada pode fazer para impedir sua ‘diluição’ no mundo. Coube parcialmente à própria cidade, à sua carência de lógica e de ordem, exterminar a autonomia da arte. A cidade está em toda parte, e sua ação indefinida acaba por invadir o território da arte que, indefesa, como num derradeiro suspiro, se deixa permear. Enquanto as telas de Mondrian irradiavam para o entorno, levando assim a arte ao mundo, hoje até mesmo os paradoxais contornos das extraordinárias esculturas de Richard Serra, num processo inverso, se dissolvem no cenário urbano, onde sucessivas transformações não lhes dão trégua.

O que salta aos olhos é o duelo entre arte e vida que se mantém vivo, apenas não sabemos como. Ainda assim, por mais autônoma que seja ou tenha sido a arte moderna, ela jamais conseguiu ou aspirou ao total isolamento da vida, do que é mundano e atual. Se o seu isolamento revelava um lado crítico – uma arte que se distancia para julgar o mundo e propor transformações, enfim, agir como vanguarda – revelava também utopia. Tal isolamento não existe. Estamos e sempre estivemos imersos num fluxo contínuo, passível de interferir nos trabalhos.

Mondrian foi influenciado pelos centros urbanos, pela dança, por tudo, enfim, o que era, ao mesmo tempo, mais avançado e mais cotidiano em seu tempo. Serra, por sua vez, sustenta o seu rigor plástico, mais experimental do que geométrico, em esculturas cada dia mais singulares e autônomas, que com sua presença material no mundo, contudo, jamais deixam de se contaminar por ele. Embora a tecnologia seja vital para o nosso bem e o nosso mal-estar na civilização, ela parece indispensável à vida de um modo que a arte jamais pôde sonhar em sê-lo. Mondrian, tão apegado aos novos inventos, jamais os empregou em sua arte. Já Richard Serra, apesar de recorrer ao cálculo de computador em seus mais recentes trabalhos, utiliza uma prensa fora de

linha, com apenas duas remanescentes em todo o planeta. A pouca arte que resta, imersa num mundo tecnológico, faz sua escolha a partir de critérios próprios, sem apologias, agindo como um filtro, atenta apenas ao que lhe atrai e interessa.

Com os inúmeros planejamentos urbanos modernos – dos quais muito poucos foram concretizados – ou com a atual ausência de orientação racional das cidades, parece claro afinal que, com ou sem ‘projeto’, chegaríamos ao impasse urbano em que ora nos debatemos. O ritmo da cidade madura foi quebrado pela guerra. Recomeçar, entretanto, não significa zerar o cronômetro, como queriam as vanguardas. Isto é simplesmente inviável. Devemos voltar de onde paramos, incorporando o que está dado, tudo com o que fomos impelidos a nos familiarizar, e que resultou em algum afeto compulsório. Esta talvez seja a saída eticamente correta. Na megalópole do pós-guerra, assistimos estarecidos ao sentido de preservação voltar a titubear. As esculturas de Serra, embora não sejam engajadas põem o dedo na ferida da arte e da cidade. Talvez por isso sejam o que há de mais verdadeiro e tocante na fugacidade cultural contemporânea. Mondrian chamou atenção para uma interseção possível entre arte e cidade. Nas árduas circunstâncias atuais, Richard Serra procura ainda viabilizá-la.